Teologia da Música Sacra[1]

Alunos: Anderson Will; Diego Rayfran; Firmino Fialho; Melque Soares; Robson Santos; Silvan Lima; Tiago Marques; Thiago Gonçalves.

1. INTRODUÇÃO

Sob o tema: *Ellen G. White e a Fisiologia Humana: Música e Adoração*[2], o Dr. Hélio Pothin apresenta que a música não é um elemento neutro ou meramente estético, mas um poderoso estímulo fisiológico e espiritual que influencia diretamente o caráter, as emoções e a ação do Espírito Santo. Baseado em Ellen G. White e na ciência, Pothin afirma que a música pode tanto edificar quanto corromper a espiritualidade, dependendo de sua harmonia, melodia e ritmo. Sua tese central é que, na adoração, a música deve ser escolhida com critério e proposito teológico e científico, e não por gosto pessoal ou tendência cultural.

Assim, este relatório tem por objetivo apresentar a tese central do autor, apresentando os principais aspectos científicos e teológicos de Pothin. Por fim, as considerações analíticas.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. Compreensão geral

Pothin apresenta em seu seminário sobre *Ellen G. White e a Fisiologia Humana: Música e Adoração,* que a música foi instituída por Deus com a finalidade de adoração e que a mesma deve ser regida de acordo com Sua vontade. O autor faz um breve olhar panorâmico da criação, observando o contexto da música no céu e seus desdobramentos após o pecado.

Para o palestrante, música e adoração são inseparáveis. A música não é um mero preenchimento de intervalo no culto – ela é parte da mensagem cognitiva e objetiva que Deus quer transmitir a igreja. Deste modo, a música inadequada (ritmo mundano, letras incoerentes com a teologia, estilo excitante) inibi a cognição do adorador. A música sacra apropriada, ao contrário, prepara o espírito do adorador, facilita a oração, promove

---

[1] Trabalho apresentado como parte das atividades avaliativas da disciplina de Teologia da Música Sacra, ministrada pelo Pr. Dr. Jean Carlos Zukowski. Trata-se de um relatório da palestra ministrada na Igreja Adventista do Sétimo Dia do UNASP, disponibilizada no canal Centro White, no Youtube.

[2] Hélio Pothin, "Ellen G. White e a Fisiologia Humana: Música e Adoração," Centro White TV, vídeo do YouTube, 1:35:42, 20 de maio de 2026, https://www.youtube.com/watch?v=rkgaf4G3FGM.

unidade e prepara a mente para a pregação. A música é, portanto, um meio de graça ou desgraça.

O autor relaciona a música como tendo efeito direto com o corpo humano. Baseado em suas pesquisas, o autor defende a ideia de que o corpo humano, através do cérebro e todo o sistema límbico, recepciona as ondas sonoras, transformando-as em estímulos elétricos, gerando reações motoras e psicológicas.

Nesse sentido, após receber os estímulos elétricos transportados pelos neurotransmissores, o cérebro, através do córtex pré-frontal, é responsável por interpretar tais estímulos. A depender de qual estímulo recebido, ele se adapta, realizando assim um sistema de proteção contra ruídos e estímulos que são alheios ao funcionamento do organismo humano. O autor destaca ainda que o esforço para tal adaptação, e mesmo a descarga de hormônios que o cérebro realiza para normalizar a situação, acaba por gerar um estado de vício semelhante àqueles provocados por utilização de anfetamina e outros narcóticos.

2.2. Aspectos científicos

2.2.1. Efeitos da música no corpo e nas emoções

A música influencia o corpo e as emoções por meio de vibrações físicas e processos neuroquímicos. Sons intensos podem ser sentidos diretamente pelo corpo, enquanto o cérebro responde com a liberação de neurotransmissores. As emoções são ativadas principalmente pela amígdala e pelo sistema límbico, fazendo com que diferentes ritmos e andamentos musicais despertem sentimentos variados, que vão desde reverência e amor até raiva e impulsos mais intensos.

2.2.2. Efeitos do ritmo no cérebro

Além disso, o ritmo exerce papel importante na atividade cerebral: quando está em sintonia com os ciclos biológicos, promove equilíbrio; porém, ritmos irregulares ou sincopados podem estimular áreas que liberam substâncias como noradrenalina e dopamina, reduzindo o controle do córtex pré-frontal e podendo gerar estresse ou dependência.

2.2.3. Efeitos da repetição e estímulo sensorial no comportamento

A repetição e os estímulos sensoriais intensos ativam o sistema de recompensa, produzindo prazer, mas também favorecendo a tolerância e o comportamento compulsivo, levando à necessidade de estímulos cada vez maiores e à diminuição do controle emocional.

2.3. Dimensão teológica

2.3.1. Compreensão de Ellen G. White para fundamentação

Na dimensão teológica, Ellen G. White é utilizada como autoridade profética e normativa para sustentar o ideal de uma música celestial caracterizada por suavidade, melodia e harmonia, sem excessos emocionais ou expressões exageradas. A partir dessa perspectiva, e considerando que a música foi criada antes do ser humano, compreende-se que ela é centralizada em Deus e tem como objetivo adorá-Lo. Além disso, essa visão reforça a ideia de que a verdadeira adoração envolve o uso da mente em harmonia com o entendimento racional, o que se relaciona com a explicação neurofisiológica do papel do córtex pré-frontal no controle e no discernimento.

2.3.2. Relação entre música e adoração

Nesse contexto, a música não é entendida como a própria adoração, mas como um ato de adoração que envolve obediência, emoções e entendimento. O palestrante também rejeita a noção de música neutra, argumentando que toda música exerce influência fisiológica e moral sobre o indivíduo, independentemente da letra ou do ambiente. Isso ocorre porque os elementos musicais afetam diretamente o cérebro, podendo tanto estimular quanto inibir a razão, o que atribui à música um impacto inevitável sobre o comportamento humano.

2.4. Análise crítica

O grupo considera que os argumentos científicos, tais como os efeitos neurais e hormonais são consistentes e embasados cientificamente e biblicamente. A relação entre ritmo e excitação fisiológica é bem desenvolvida, embora a apresentação de Pothin seja breve, dado a complexidade do tema e a multiplicidade de dados e correlações entre eles. No entanto, a consistência é forte no que diz respeito aos efeitos da música no cérebro, especialmente ao córtex pré-frontal.

Quanto a fundamentação do autor, existe consistência bíblica e cientifica. Todavia, as informações apresentadas não são apresentadas com maior profundidade. O autor justifica esta observação se referindo ao tempo como insuficiente para desenvolver pormenores dos aspectos musicais citados.

Assim sendo, como equilibrar ciência, gosto musical e ética cristã? O grupo propõe um equilíbrio em três aspectos: 1) Aspecto científico, devemos saber como a música nos afeta; 2) Aspecto fisiológico, ignorar isso é negligência para o corpo – templo do Espírito Santo; 3) Aspecto teológico, gosto pessoal não é critério para normatizar como a adoração deve ser realizada (Rm 12:2).

3. CONCLUSÃO

No seminário *Ellen G. White e a Fisiologia Humana: Música e Adoração*, o Dr. Hélio Pothin defende que a música não é neutra, mas um poderoso estímulo fisiológico e espiritual que edifica ou corrompe o caráter dependendo de três aspectos da música: harmonia, melodia e ritmo. Baseado em Ellen G. White e na ciência, ele afirma que música e adoração são inseparáveis: ritmos sincopados e repetitivos liberam dopamina e noradrenalina, reduzem o controle do córtex pré-frontal e podem gerar dependência semelhante a narcóticos, enquanto a música sacra apropriada prepara o espírito para a oração e a pregação.

O palestrante rejeita a existência de música neutra, pois todo elemento musical afeta o cérebro e consequentemente o comportamento moral. A análise crítica de nosso grupo considera os argumentos científicos consistentes, mas carentes de maior profundidade. Para equilibrar ciência, gosto musical e ética cristã, propõe-se: saber como a música nos afeta, não negligenciar os efeitos no corpo como templo do Espírito Santo e não usar o gosto pessoal como critério normativo para a adoração (Romanos 12:2).

Desta forma, o assunto é de extrema importância e precisa ser tratado de maneira urgente nas igrejas. Embasado no conhecimento apresentado pelo palestrante, no conhecimento científico e, sobretudo, nas orientações proféticas, compreende-se que na música, assim como em todo e qualquer aspecto da vida, não existe neutralidade. Logo, a cultura não deve nortear a música na igreja, e mesmo na vida do cristão, mas sim os princípios bíblicos. Ademais, entende-se que as orientações proféticas são normativas e devem ser respeitadas.

Diante do exposto, é extremamente relevante apresentar esta palestra para a igreja, de maneira a ensiná-los sobre a correlação entre a música e a fisiologia do corpo humano. Também seria de grande valor, em um momento posterior, realizar um treinamento para os sonoplastas distritais, informando-os das implicações resultantes de ambientes com um volume muito alto. Ademais, após ter ensinado os irmãos e os sonoplastas, é de grande importância que o pastor faça um acompanhamento eficaz do uso da música nos cultos e programações da igreja.